

TINTA ^{da} CHINA

A GUERRA GUARDADA

FOTOGRAFIA DE SOLDADOS PORTUGUESES
EM ANGOLA, GUINÉ-BISSAU E MOÇAMBIQUE,
1961-1974

COORDENAÇÃO

MARIA JOSÉ LOBO ANTUNES
INÊS PONTE

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXXIV

© 2024, Maria José Lobo Antunes, Inês Ponte
e Edições tinta-da-china, Lda
Palacete da Quinta dos Ulmeiros
Alameda das Linhas de Torres, 152 - E. 10
1750-149 Lisboa
Tels: 21 726 90 28
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

TÍTULO *A Guerra Guardada. Fotografia
de Soldados Portugueses em Angola, Guiné-Bissau
e Moçambique, 1961-1974*

COORDENAÇÃO Maria José Lobo Antunes e Inês Ponte

TEXTOS Cláudia Castelo, Inês Ponte, Joaquim Paulo Nogueira,
Kevin Carreira Soares, Maria José Lobo Antunes, Miguel Cardina,
Miso Music Portugal, Paulo Faria, Pedro Aires Oliveira, Rita Luís,
Rui Lopes

CRIAÇÕES ARTÍSTICAS

Ana Vidigal, Daniel Barroca, Daniel Schvetz, Diogo Alvim,
Lino Damião, Patrícia Barbosa, Pedro Lima

REVISÃO

Tinta-da-china

COMPOSIÇÃO

Tinta-da-china

CAPA

Tinta-da-china (V. Tavares) a partir
de fotografia da coleção de Horácio Marcelino

1.ª edição: Setembro de 2024

ISBN 978-989-671-844-2

Depósito Legal n.º 535010/24

NESTA EDIÇÃO
FOI RESPEITADA
A ORTOGRAFIA
DE CADA AUTOR

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 7

Maria José Lobo Antunes e Inês Ponte

FOTOS CONTADAS 11

FOTOS FALADAS 21

AVESSOS 27

SOLDADOS FOTÓGRAFOS 33

CASERNA 45

CRIAÇÕES E INVESTIGAÇÕES DO PÓS-GUERRA 59

Uma Cronologia

— Olhar a guerra entre a antropologia e a história 69

Maria José Lobo Antunes e Inês Ponte

— Possíveis cronologias da guerra 79

Rui Lopes

— Fotografia, censura e imaginação da guerra 89

Maria José Lobo Antunes

— Que guerra passou na televisão portuguesa? 99

Rita Luís

— A guerra e os seus fantasmas 111

Pedro Aires Oliveira

— A deserção como forma de combate 121

Miguel Cardina

— O teatro vai à guerra 129

Joaquim Paulo Nogueira

INTRODUÇÃO

MARIA JOSÉ LOBO ANTUNES
INÊS PONTE

— Memórias de guerra em perspectiva local: combatentes de Porto de Mós em África	137
<i>Kevin Carreira Soares</i>	
— Por uma história da guerra colonial com gente lá dentro	147
<i>Cláudia Castelo</i>	
— Chorar como homens crescidos	157
<i>Paulo Faria</i>	
— Fotografias, histórias e imaginação	163
<i>Maria José Lobo Antunes e Inês Ponte</i>	

MISO MUSIC PORTUGAL E AS CRIAÇÕES MUSICAIS

A PARTIR DAS FOTOS FALADAS	169
— Flash & Flesh (2023), <i>Daniel Schvets</i>	171
— Como se fosse um filho (2023), <i>Pedro Lima</i>	173
— Jogo duplo (2023), <i>Diogo Alvim</i>	174

UM PASSADO HERDADO:

criações artísticas em torno da guerra	177
— <i>Sem título</i> , ANA VIDIGAL	179
— <i>Carta à mãe</i> , LINO DAMIÃO	181
— <i>À Deriva</i> , PATRICIA BARBOSA	183
— <i>Mapa de Cumplicidades</i> , DANIEL BARROCA	185

NOTAS BIOGRÁFICAS	186
AGRADECIMENTOS	190

Entre 1961 e 1974, cerca de um milhão de homens foram mobilizados para Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Recrutados em Portugal ou nas colónias, defrontaram aproximadamente 30 mil combatentes dos movimentos de libertação. Apesar da magnitude do conflito em que o regime do Estado Novo obrigou os combatentes a lutar, a guerra colonial portuguesa é um tema sobre o qual há ainda um longo caminho a percorrer. A ausência de uma política de memória consistente e o gradual desaparecimento dos testemunhos de quem a viveu em primeira mão fazem com que a última guerra europeia de descolonização surja como uma sombra incómoda na esfera pública portuguesa.

Durante 13 anos, milhares de jovens mobilizados para Angola, Guiné-Bissau e Moçambique tiraram fotografias daquilo que os rodeava: os camaradas, os quartéis, as paisagens, o quotidiano, as populações civis, o aparato e as operações militares. Estas imagens escaparam à censura do regime, e foram guardadas ou enviadas pelo correio como provas de vida à distância. Afastados das regras que condicionavam a imagem oficial do conflito, os soldados captaram retratos do seu tempo em África. Alguns destes homens construíram laboratórios improvisados, vários frequentaram lojas de fotografia que floresceram com a procura gerada pela guerra, muitos compraram e trocaram imagens. Assim, construíram os seus arquivos fotográficos pessoais.

Mais de seis décadas após o início do conflito, algumas colecções de antigos soldados foram destruídas pelos seus proprietários, como se o passado se pudesse apagar nesse gesto. Outras, com o desaparecimento dos seus donos, vão ficando órfãs. Muitas sobrevivem ainda, conservadas em álbuns ou em caixas, analógicas ou digitalizadas, e são mostradas em círculos restritos ou partilhadas nas redes sociais. Dispersas um pouco por todo o país, retratam um tempo e um espaço distantes, e mostram uma guerra vivida mas também imaginada. Banais ou extraordinárias, revelam os muitos mundos de uma guerra longa e anacrónica que foi mandada combater pela ditadura. É através destes testemunhos visuais da descoberta de outro continente, do quotidiano e das muitas formas de sobreviver às incertezas da guerra que propomos olhar os últimos anos do colonialismo português e os seus impactos na sociedade portuguesa.

A GUERRA GUARDADA NO MUSEU DO ALJUBE E EM LIVRO

Este livro começa com a exposição temporária *A Guerra Guardada: Fotografia de Soldados Portugueses em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique (1961-1974)*, que esteve aberta ao público entre 13 de Janeiro e 3 de Abril de 2022 no Museu do Aljube Resistência e Liberdade, em Lisboa. Construída a partir de cerca de 40 colecções privadas de soldados, a exposição resgatou da penumbra imagens, experiências e memórias de homens comuns que em tempos foram soldados. Que guerra foi guardada durante décadas por aqueles que nela combateram?

A exposição construiu-se a partir do projecto de investigação *Imagem, Guerra e Memória: Fotografia da Guerra Colonial nas Colecções Pessoais e nos Arquivos Institucionais*, então conduzido por Maria José Lobo Antunes no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa¹). Essa pesquisa etnográfica, que se focou em ex-combatentes recrutados em Portugal, incluiu a realização de dezenas de entrevistas e o acesso a cerca de cinco mil imagens. Este material, ao qual se juntaram imagens publicadas em sítios e arquivos de internet dispersos, foi trabalhado durante quase dois anos, num processo de tratamento e curadoria que teve em vista uma exposição destinada ao público em geral.

Partimos de memórias e de colecções fotográficas de homens comuns: soldados, sargentos e oficiais de baixa patente, representando a base da hierarquia militar. Apenas um deles foi militar de carreira, todos os restantes foram milicianos: civis que viram as suas vidas interrompidas pela obrigatoriedade do serviço militar e pela partida para uma das colónias em conflito. Este grupo de homens trouxe consigo histórias e fotografias diferentes da visão autorizada pelo Estado Novo: imagens do quotidiano militar e de soldados fora de serviço (a beberem, a jogarem futebol, a passearem), encenações de poses bélicas, retratos de populações

¹ O projecto *Imagem, Guerra e Memória* decorreu entre 2017 e 2023, com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BPD/116134/2016).

africanas, fotografias de armamento e do rasto de destruição deixado pela guerra.

Com o livro *A Guerra Guardada*, damos mais um passo para cumprir o intuito inicial da exposição: de que as fotografias de antigos soldados, as suas histórias e memórias possam alimentar diálogos, agora numa democracia que cumpre 50 anos. Esta espécie de sobrevida da exposição não quer apenas fixar os conteúdos de um evento temporário; ela pretende, sobretudo, congrega criações e reflexões que nasceram por causa dele e com ele. Aproveitando a oportunidade que a exposição ofereceu para lançar interrogações e para acolher diferentes perspectivas sobre o tema, convidámos investigadores, escritores e artistas para aprofundarem questões surgidas durante os meses em que *A Guerra Guardada* esteve patente no Museu do Aljube. Trata-se de mais uma etapa de um trabalho em construção que convoca todos os cidadãos: o de investigar, discutir e pensar o colonialismo, a guerra e o fim do império português.

FOTOS CONTADAS

SOLDADOS DE PRIMEIRA E DE SEGUNDA



ANGOLA, 1966
COLECÇÃO DE JOÃO FREITAS

«Aos 22 anos, eu era alferes e comandava pessoal recrutado em Angola: 90% eram negros, o resto eram mulatos ou brancos nascidos lá. Andei a instruí-los sobre a 'pátria una e indivisível', nessa altura eu acreditava nisso. Tocou a reunir e formaram-se duas filas para receber o pré, uma enorme e outra mais pequena. Então o que era? Em 1966, havia soldados de 1.^a e de 2.^a! Na fila maior, eram

só negros que não sabiam ler e que foram incorporados nas forças portuguesas como praças de 2.^a, a receber metade do salário. Na fila mais pequena, estavam alguns mulatos e negros que tinham a 4.^a classe completa, e todos os brancos, mesmo os que eram analfabetos. Para ser praça de 1.^a, bastava ser branco! Foi aí que comecei a desmanchar o castelo de cartas em que estava metido.»

NOTAS BIOGRÁFICAS

ANA VIDIGAL. Nasceu em Lisboa, em 1960. Concluiu o curso de Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa em 1984. Foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian (1985/1986).

Realizou cerca de 80 exposições individuais, a primeira em 1981, e realizou a sua primeira exposição antológica no Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian em 2010. A sua obra está presente em várias colecções públicas e privadas. A convite do Metropolitano de Lisboa, criou painéis de azulejos para as estações de Alvalade e Alfarelos.

—
CLÁUDIA CASTELO. Nasceu em Lisboa, em 1970. É licenciada em História, mestre em História dos séculos XIX e XX (Universidade Nova de Lisboa) e doutora em Ciências Sociais — Sociologia História (Universidade de Lisboa). Tem também formação pós-graduada em Ciências Documentais — Arquivos (ULisboa). Foi investigadora contratada em várias instituições de pesquisa com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É professora auxiliar no departamento de História e Filosofia das Ciências da Faculdade de Ciências e investigadora integrada no Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tem-se dedicado ao estudo da circulação de pessoas, ideias e conhecimento no espaço do império colonial português na época contemporânea.

—
CONFEDERAÇÃO. Fundada em 2010, em Miragaia, no Porto, a Confederação — colectivo de investigação teatral trabalha nas áreas da criação, investi-

gação, edição e formação. Tendo como ponto de partida os espectáculos de proximidade, com dramaturgia própria em torno das formas populares de teatro, desenvolve projectos de investigação com uma forte ligação entre o teatro e as imagens em movimento. Na área da edição, em 2013, criou a colecção Cadernos Históricos, na qual organiza e edita parte dos seus objectos de investigação. Entre a sua actividade, destaca-se ainda o projecto Oficinas, uma iniciativa de formação, de curta e média duração, que serve como campo de experimentação e criação de novas formas e técnicas pedagógicas relacionadas com o teatro.

—
DANIEL BARROCA. Nasceu em 1976. É formado em Artes Plásticas pela ESAD, nas Caldas da Rainha (1996-2001). Estudou Pintura (1995-1996) e Artes Plásticas (2001-02) na Ar.Co, em Lisboa, e fez o curso de Artes Visuais, do programa Gulbenkian de Criatividade e Criação Artística (2006). Começou a expor em finais da década de 1990 e tem realizado exposições individuais e colectivas em instituições e galerias nacionais (nomeadamente no Porto e Lisboa) e estrangeiras (por exemplo, Atenas e Londres). As suas obras estão representadas nas colecções da Fundação Carmona e Costa, Fundação EDP, Fundação Ilídio Pinho, Fundação PLMJ, Fundação Portugal Telecom, entre outras.

—
DANIEL SCHVETZ. Nasceu em 1955. Estudou Piano e Composição no Conservatório Nacional de Buenos Aires López Bucharro, Música Electroacústica na Universidade Ricardo Rojas (Buenos Aires,

Argentina). Reside em Portugal desde 1990, desenvolvendo actividade profissional nas áreas do ensino, da composição e como intérprete. É autor de obras para orquestra, grupos de câmara, coro e solistas, destacando-se as óperas *O Príncipezinho*, *O Defunto* e *A Conferência dos Pássaros*, a missa *Misatango*, o *Concerto para Bandoneón e Orquestra*, o *Duplo Concerto para Acordeão e Saxofone*, o *Duplo Concerto para Duas Tubas e Orquestra de Sopros*, *Parábolas del Tigre y del Espejo* — farsa utópica sobre poemas de J. L. Borges —, *Ludic V-B* para clarinete e acordeão, e a *Cantata Para Un Silêncio*, baseada em textos de autores latino-americanos.

—
DIOGO ALVIM trabalha entre a música e as artes sonoras, explorando as suas interacções com a arquitectura, os contextos específicos e as outras artes. Interessa-se por expandir a prática da composição sonora enquanto dispositivo de investigação e transformação.

Formou-se em Arquitectura e Composição em Lisboa, e em 2016 terminou um doutoramento em Composição e Artes Sonoras no Sonic Arts Research Centre, da Queen's University Belfast. A sua investigação explorou diferentes relações entre música e arquitectura. Lecciona Artes Sonoras na licenciatura e no mestrado de Som e Imagem na ESAD — Escola Superior de Artes e Design (Caldas da Rainha), e é investigador integrado do CESEM — Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (FCSH-NOVA, Lisboa). Colabora regularmente com artistas plásticos, sonoros, coreógrafos e encenadores em produções tão di-

versas como instalações, vídeo, dança, performance, percursos performativos e outros projectos híbridos.

—
INÉS PONTE. Nasceu em Lisboa, em 1979. É antropóloga visual e investigadora no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Tem pesquisado sobre cultura material, fotografia, cinema e ciências sociais, centrando-se no contexto angolano. A sua abordagem combina antropologia e história, cruzando frequentemente investigação com vídeo. Desde 2015, desenvolve actividade curatorial e de programação de mostras de cinema e antropologia. É coordenadora científica do Arquivo de História Social do ICS-ULisboa.

—
JOAQUIM PAULO NOGUEIRA. Dramaturgo, formado em Ciências da Comunicação, tem trabalho de investigação sobre a escrita teatral em Portugal. Fez jornalismo teatral no *DN Jovem*, na revista *Actor* e escreve actualmente no *site Rua de Baixo*.

—
KEVIN CARREIRA SOARES. É historiador e investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Actualmente, desempenha a função de arquivista no Município de Porto de Mós. A sua actividade como investigador divide-se em dois eixos fundamentais. O primeiro relacionado com a história dos impérios ibéricos na Ásia, nos séculos XVI e XVII, tema sobre o qual versa o seu doutoramento. O segundo centrado nas actividades de extensão universitária e na história local, sobretudo relacionada com o concelho de Porto

de Mós, onde cresceu. Neste âmbito, integra actualmente a Comissão Executiva das Comemorações do 50.º aniversário do 25 de Abril, promovidas pelo referido município.

—
LINO DAMIÃO. Nasceu em 1977, em Luanda, Angola. Encorajado pelo seu pai, começou muito cedo a desenhar e a pintar, tendo recebido em 1989 o Prémio de Pintura da União Nacional de Artistas Plásticos de Angola. Vive entre Lisboa e Luanda desde 2012. Apresentou o seu trabalho em duas dezenas de exposições individuais em Angola e Portugal, e integrou mais de 40 exposições colectivas em Portugal, Angola, Macau e Cabo Verde. Participou na I Trienal de Luanda, em 2007. As suas obras estão presentes em colecções públicas e privadas em África, na Europa, na Ásia, na América do Sul e nos EUA. Tem feito trabalho de curadoria focado nos artistas da diáspora angolana.

—
MARIA JOSÉ LOBO ANTUNES é antropóloga e investigadora associada do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Os seus interesses de investigação cruzam memória, história e cultura visual, e focam-se no colonialismo tardio português e na guerra que o defendeu. Foi responsável pelo projecto «Imagem, Guerra e Memória», no qual foi recolhido o material etnográfico e visual em que a exposição e o livro *A Guerra Guardada se baseiam*. É a autora de *Regressos Quase Perfeitos. Memórias da Guerra em Angola* (Tinta-da-china, 2015).

MIGUEL CARDINA é historiador e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Coordenou, até Janeiro de 2023, o projecto de investigação «CROME — Crossed Memories, Politics of Silence. The Colonial-Liberation Wars in Postcolonial Times», financiado pelo European Research Council (ERC — Conselho Europeu para a Investigação). É autor ou co-autor de vários livros, capítulos e artigos sobre colonialismo, anti-colonialismo e guerra colonial; história das ideologias políticas nas décadas de 1960 e 1970; e dinâmicas entre história e memória. O seu livro mais recente é *O Atrito da Memória. Colonialismo, Guerra e Descolonização no Portugal Contemporâneo* (Tinta-da-china, 2023).

—
MISO MUSIC PORTUGAL (MMP) é uma associação cultural de utilidade pública. Entre as iniciativas desenvolvidas pela MMP desde 1985 destacam-se o Miso Ensemble como núcleo fundador, a Miso Records, o estúdio de investigação e criação sonora Miso Studio, o Concurso Internacional de Composição Electroacústica, o Festival Música Viva e o Centro de Investigação e Informação da Música Portuguesa — MIC.PT. O incentivo à criação dentro do âmbito da música erudita contemporânea, contabilizando um número significativo de encomendas de novas obras, as relações da música com a tecnologia e a transdisciplinaridade entre a música e as outras artes têm sido, a par da promoção de compositores portugueses, as linhas condutoras da sua actividade. Desde 2014, a MMP oferece uma programação regular no seu espaço

próprio, o O'culto da Ajuda, em Lisboa, e, mais recentemente, uma programação regular no Conselho de Odemira.

—
PATRICIA BARBOSA. Nasceu em 1989. Trabalha em fotografia, explorando relações com texto, som e objectos em projectos de longa duração ligados a realidades escondidas e que permitam questionar a dicotomia da pós-memória e da evidência. Formada em Comunicação (2010) pela Universidade do Porto, especializou-se em Fotografia na Universidade Católica do Porto (2012). Apresentou o seu trabalho em exposições colectivas e individuais e em múltiplas publicações. Em 2015, ganhou o Prémio Jovens Criadores, categoria Fotografia, e, em 2020, o VIII Premio Galicia de Fotografía Contemporânea, Outono Fotográfico, com o corpo de trabalho *Prova*.

—
PAULO FARIA. Nasceu em 1967, em Lisboa. É, há muitos anos, tradutor literário, tendo traduzido escritoras e escritores como Cormac McCarthy, George Orwell, Jan Morris, Emily Brontë, Charles Dickens. Com o seu segundo romance, *Gente Acenando para Alguém Que Foge*, venceu o Prémio Autores 2021 da Sociedade Portuguesa de Autores: Melhor Livro de Ficção Narrativa.

—
PEDRO AIRES OLIVEIRA é professor associado no Departamento de História da FCSH-NOVA e do Laboratório associado IN2PAST, e investigador integrado do Instituto de História Contemporânea. Os seus principais interesses de investigação são a

história internacional, o colonialismo português e a descolonização, acerca dos quais tem publicado numerosos artigos e livros, de autoria individual e conjunta. Actualmente, coordena uma obra colectiva sobre a guerra colonial e o fim do império português, com João Vieira Borges.

—
PEDRO LIMA. Nasceu em 1994. É um compositor português que conta com um razoável leque de obras apresentadas nacional e internacionalmente. A sua música já viajou até à prestigiada Konzerthaus de Berlim, ao Milton Court Theatre de Londres, à Casa da Música (Porto), à Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa), ao Teatro Circo (Braga), ao Centro Cultural de Vila Flôr, ao MIRA Forum (Porto), ao gnration (Braga), entre outros. Formou-se no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga e na Escola Superior de Música de Lisboa. Em Londres, na Guildhall School of Music and Drama, enquanto discípulo de Julian Philips e Julian Anderson, completou, com distinção, o mestrado em Opera Making & Writing.

—
RITA LUÍS. É especializada na história dos *mass media* no contexto das ditaduras ibéricas do século xx. É investigadora no Instituto de História Contemporânea, Universidade NOVA de Lisboa, e do Laboratório associado IN2PAST, onde desenvolve um projecto individual sobre a prática e vida quotidiana da censura ibérica, em particular aquela exercida na televisão, e coordenou um projecto colectivo na mesma área de estudos,

ambos financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

—

RUI LOPES. É investigador do Instituto de História Contemporânea, NOVA-FCSH/IN2PAST. É autor do livro *West Germany and the Portuguese Dictatorship, 1968-1974: Between Cold War and Colonialism* (Palgrave Macmillan, 2014) e de várias outras publicações sobre a história internacional do Estado Novo, cultura visual da Guerra Fria e anticolonialismo

africano, tendo coordenado o projecto «Amílcar Cabral: Da História Política às Políticas da Memória» (2016-2019). Foi professor na London School of Economics and Political Science, bem como em Birkbeck e Goldsmiths, University of London. É actualmente membro dos conselhos editoriais de *Aniki: Revista Portuguesa da Imagem em Movimento* e de *Práticas da História: Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*.

AGRADECIMENTOS

Alexandra Castro, Ana Afonso, Ana Paula Lisboa, Ana Costa Franco, Ana Vieira Lopes, António Araújo, António Ferreira, AP Silvestre, Arquivo Aveiro e Cultura, Câmara Municipal de Braga, Cineclube Aurélio da Paz dos Reis, Cláudia Castelo, Cristiana Couceiro, Daniel Lobo Antunes, Daniel Oliveira, Eugénia Rodrigues, Etelvina Ferreira, Fernando Penim Redondo, Fernando Ribeiro Pinto, Filipa Vala, Frederico Duarte, Fundação Calouste Gulbenkian, Geração 80, Guilherme d'Oliveira Martins, Helena Tirapicos da Rosa, Henrique Oliveira, Ilda Santos, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Joana Alves, Joana Cardoso, Joana Lobo Antunes, Joana Ponte, Joana Pontes, José Krohn da Silva, Jorge Cohen, José Lobo Antunes, Junta de Freguesia de Santa Maria

Maior, Karin Wall, Laura Mendes, Lino Damião, Mafalda Martins, Manuel Ferreira, Manuel Oleiro, Margarida Cardoso, Maria Gonzaga, Maria Olegário Cardoso, Mariana Carneiro, Mariana Liz, Marisa Moura, Mário Silva, Miguel Magalhães, Museu do Aljube — Resistência e Liberdade (EGEAC), Nuno Domingos, Ophélia Estúdio, Patrícia Couveiro, Paula Ribeiro Santos, Paulo Faria, Paulo Freitas, Paulo Moreira, Pedro Faria, Pellegrino Cammino, Persona Non Grata Pictures, Ricardo Roque, Rita Almeida de Carvalho, Rita Gonzalez, Rita Neves, Rita Rato, Roberto Falanga, Rute Reimão, Saber Maior, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Sérgio Cintra, Sofia Ponte, Telma Vinhas e todos os participantes e intervenientes na investigação.

Além dos autores dos textos e dos artistas, este livro contou com o contributo das seguintes colecções fotográficas: Arquivo Aveiro e Cultura, António Barros, António Vilela, António Silvestre, Boaventura Martins, Francisco Gomes, Fernando Penim Redondo, Fernando Silvestre, Horácio Marcelino, João Freitas, João Gameiro, Joaquim Silva, Joaquim Tomaz Soares, José Nunes Afonso, José Alves, José Cunha, José Freire, José Fernando Sousa, José Lopes, José Lourenço, José Pinto, José Rodrigues de Almeida, Luciano Leal, Luís Corrêa de Sá, Luís Mata, Manuel Carvalho, Manuel Rosa, Manuel Rivo, Mário Martins, Mário Silva, Virgílio Santos.

Os áudios das «Fotos faladas» foram gravados por AP Silvestre e Inês Ponte, tendo sido editados e masterizados por Ana Coelho, Filipe Fernandes, Luís Ferraz, Miguel Ramos e Rosário Melo (Confederação).

A exposição e o livro foram desenvolvidos no âmbito do projecto de investigação de pós-doutoramento no ICS-ULisboa «Imagem, guerra e memória: Fotografia da guerra colonial nas colecções pessoais e nos arquivos institucionais» (SFRH/BPD/116134/2016), com o apoio de 2020.01762.CEECIND/CP1615/CT0005, e com financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/50013/2020, de UIDP/50013/2020 e de LA/P/0051/2020). Contaram também com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. A exposição contou também com o apoio financeiro do Museu do Aljube-Resistência e Liberdade (EGEAC) e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Email: aguerraguardada@gmail.com

A GUERRA GUARDADA

COMPOSTO EM CARACTERES
GARAMOND, BARLOW E BISON
E IMPRESSO NA RAINHO & NEVES,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK WHITE,
EM JULHO DE 2024.